A se encontrar

Fotogramas de vídeos em formato super-8 do cineasta Jorge Bodanzky são transformados no fotolivro ‘Procurando Iracema’, cuja poética revela um retrato social da Amazônia infelizmente imutável

Por Gustavo Ranieri

As imagens que você vê nesta matéria são de uma busca. Ou melhor, foram de uma, a do cineasta Jorge Bodanzky, em meados dos anos 1960. Mas passado e presente são senão conceitos de tempo que não se adequam neste caso. Por trechos da extensa Transamazônica – com 4.223 Km cortando sete estados e 63 municípios –, a rodovia de proporções colossais, iniciada no governo ditatorial de Emílio Garrastazu Médici, mas não concluída nem por ele nem por qualquer outro governante do país até os dias de hoje, Bodanzky circulava com seu Fusca, com o qual saiu de São Paulo, à procura de elementos que gostaria de contar no filme a ser realizado anos depois, tornando-se um dos mais importantes da cinematografia brasileira: *Iracema – Uma transa amazônica*, codirigido por Orlando Senna e feito em parceria com uma produtora alemã.

Na época, o cineasta estava munido apenas de uma câmera super-8 (Super 8 mm) como caderno de anotações. Agora, quase cinco décadas depois, esse registro pessoal deixa de lado o caráter de vídeo para ser impresso. Fotogramas (cada uma das imagens impressas no filme cinematográfico) de três filmes foram selecionados e editados pelo fotógrafo e curador Iatã Cannabrava e pela designer Ekaterina Kholmogorova para serem transformados no fotolivro *Procurando Iracema* (Valongo Editora), o qual começa a ser comercializado em dezembro.

“O livro vem em uma embalagem que dá uma falsa percepção de que é uma caixa de filme, de papel fotográfico. Ele mexe com a dualidade daquilo, pois estamos falando de um processo de trabalho e de um discurso desse processo de trabalho. São dois discursos que correm paralelos e os dois com uma poesia que tem a ver com o tom de voz que o Bodanzky tem, um tom pausado, pois ele é um grande contador de histórias, e o livro traduz isso com perfeição”, ressalta Cannabrava.

“Nele, Bodanzky procura Iracema. Não estava com esse nome de personagem ainda, mas sensorialmente ele a buscava. E daí a Ekaterina e eu editamos sequências, passagens muito belas, poéticas dessa busca, desse alguém que procura muito mais que um personagem e locações, procura um sentido de ser brasileiro, sentido da vida, sentido de uma obra, e, para nossa surpresa, o sentido de um filme anos depois.”

Ao extrair fotogramas do super-8, o que se criou, na visão de Jorge Bodanzky, foi uma obra visual original. “O super-8 tem uma estética muito única e uma grande força gráfica. Ele foi usado para driblar a censura, pois, sendo formato amador, não chamava atenção.” E o que o fotolivro mantém é a denúncia social sobre a Amazônia. “Infelizmente, a realidade dessa região é que todos os problemas que o filme apontava na época são maiores hoje. Nenhum deles foi resolvido, a devastação, a prostituição, a regularização da terra, a escravidão, a violência no campo...”

Assim, Iracema ainda está a andar pela beira da Transamazônica. Não envelhece, porque, como ela, há muitas. Veja que contradição, se chegaram por ali caminhões mais modernos e celulares, ela ainda está na mão de pessoas que a exploram, sem saber em seu íntimo que já foi encontrada, embora permaneça anônima.